

O exercício da paciência

Walter Gomes

Só quando Joaquim Roriz definir seu projeto político poder-se-á ter como iniciado o jogo de xadrez em que se transformou a sucessão no Distrito Federal.

Ele, tranquilo, não demonstra pressa alguma. Cabe-lhe, e sabe bem disso, mover a primeira peça. A preocupação dos adversários e a ansiedade dos aliados são forças naturais favoráveis à sua estratégia, que conta, ainda, com a colaboração do tempo, esse enigmático senhor do destino dos homens.

Para criar mais dúvidas sobre o amanhã, o governador ganha espaço que lhe permite manobrar o sentimento da dúvida entre oponentes e correligionários.

A pergunta está no ar:

—Ele permanece em Brasília ou voltará a fazer política no antigo reduto goiano?.

De lá, tem recebido apelos veementes para retornar.

Já os **afilhados** da capital da República pedem-lhe que fique.

Tanto em Goiás quanto em Brasília, ele conquistou uma posição privilegiada. São altos os índices de intenção de voto que favorecem seu nome, nos dois colégios eleitorais. Assim dizem, sem exceção, todas as pesquisas realizadas desde o início deste ano.

O seu jeito caipira, mesmo no centro do poder federal, proporciona-lhe charme. Ele, simples e simpático, agrada numa tribo em que predomina a falsa sofisticação. Nisso, ele é uma cópia autêntica do presidente Itamar Franco. Ressalve-se, apenas, uma diferença: no Palácio do Planalto, confunde-se sisudez com autoridade.

Houve um instante em que quase colocava tudo a perder. Foi à época da tentativa de posicionar-se como estrela nacional. A partir dessa hipotética conquista, os áulicos que o

cercam — são muitos e agradam todos os gostos — passaram a trabalhar, com estardalhaço, para fazer dele candidato à Presidência da República. Falou mais alto seu pragmatismo. O projeto mirabolante, jamais admitido por ele, registre-se, está arquivado.

Voltou a ser o homem público com os pés no chão.

Ganhará nas urnas brasilienses o mandato desejado. O mais provável, se aqui continuar, é o de senador, que lhe garantirá oito anos no Congresso Nacional. Nesse tempo, poderá, até, pensar em conquistar novo período no Palácio do Buriti, mantidas essas bases periféricas originárias nos assentamentos, favores em que ele é pródigo.

Mas, em toda essa história, há uma grande questão que só o futuro responderá.

Relaciona-se com a transferência de prestígio eleitoral. Se tiver essa capacidade, Joaquim Roriz elegerá fácil o seu sucessor. E aí pouco importará a origem do indicado. Poderá ser um político, um empresário ou um técnico.

Bem melhor se conseguir juntar as três qualificações que dariam ao ungido sensibilidade, dinamismo e competência, virtudes obrigatórias e comprometidas, individualmente, com cada uma das áreas de atuação citadas.

Nas suas imediações, há pessoa, mais ou menos, assim. Deverá ser ela, então, a escolhida para subir ao palanque em nome das forças **rorizistas**. Terá a responsabilidade de enfrentar, dia 3 de outubro do próximo ano, em primeiro turno, o representante das autoproclamadas forças de esquerda, no caso sinônimo de progressistas.

Uma batalha empolgante, tudo leva a crer. Nos dois lados, o profissionalismo, em função do prestígio popular é a arma com maior poder de fogo.

CORREIO BRAZILIENSE

6661 100 91